



A última  
coisa que  
ele me falou

Laura Dawe



*A última  
coisa que ele  
me falou*

*Laura Dave*

Tradução de Ana Rodrigues



Copyright © 2021 by Laura Dave  
Todos os direitos reservados.

Trecho do poema “may i feel said he”, de e. e. cummings, traduzido por Augusto de Campos, retirado do livro *Poem(a)s*, da Editora da Unicamp, 2012.

TÍTULO ORIGINAL

The Last Thing He Told Me

PREPARAÇÃO

Agatha Machado

REVISÃO

Carolina Vaz

Juliana Pitanga

Mariana Gonçalves

PROJETO GRÁFICO

Paul Dippolito

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D268u

Dave, Laura, 1977-

A última coisa que ele me falou / Laura Dave ; tradução Ana Rodrigues. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.  
21 cm.

Tradução de: The last thing he told me  
ISBN 978-65-5560-561-7

1. Ficção americana. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

21-74869

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2022]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

## Prólogo

Owen gostava de implicar comigo dizendo que perco tudo, que, de um jeito todo meu, transformei o ato de perder coisas em uma forma de arte. Óculos de sol, chaves, luvas, bonés, selos, câmeras, celulares, garrafas de Coca, canetas, cadarços. Meias. Lâmpadas. Bandejas de gelo. Ele não estava exatamente errado. Eu tinha mesmo uma tendência a colocar as coisas no lugar errado. A me distrair. A esquecer.

No nosso segundo encontro, perdi o bilhete do estacionamento onde paramos quando saímos para jantar. Tínhamos ido cada um com o próprio carro. Owen mais tarde faria piada sobre isso — ele adorava fazer piada com o jeito como insisti em ir no meu carro para aquele segundo encontro. Até na nossa noite de núpcias ele se lembrou disso. E eu sempre rebatia lembrando como ele me interrogou naquela noite, fazendo perguntas intermináveis sobre meu passado — sobre os homens que eu havia deixado para trás, os homens que me deixaram.

Ele os chamou de “caras que poderiam ter sido”. Então, fez um brinde a eles e disse que, onde quer que estivessem, era grato por não serem o que eu precisava, assim, ele era o único sentado à minha frente.

*Você mal me conhece, falei.*

Ele sorriu.

*Mas não parece, não é mesmo?*

Ele não estava errado. O que pareceu existir entre nós, desde o início, era avassalador. Gosto de pensar que foi por isso que eu estava distraída. Por isso perdi o bilhete do estacionamento.

Nós estacionamos na garagem do Ritz-Carlton, no centro de São Francisco. E o manobrista gritou que não adiantava eu alegar que só tinha ido ali para jantar. A multa pela perda do bilhete do estacionamento era de cem dólares.

— Você pode ter deixado o carro aqui há semanas — argumentou o manobrista. — Como vou saber se não está tentando me passar a perna? Cem dólares mais impostos para cada bilhete perdido. Leia o aviso.

Cem dólares mais impostos para voltar para casa.

— Você tem certeza de que perdeu mesmo o bilhete? — me perguntou Owen. Mas ele estava sorrindo quando disse isso, como se aquela fosse a melhor informação a meu respeito que tivesse descoberto até ali.

Eu tinha certeza. De qualquer forma, procurei por cada centímetro do meu Volvo alugado e do carro esporte luxuoso de Owen (embora eu nunca tivesse entrado nele) e

por todo aquele piso cinza horrível da garagem. Nada de bilhete. Em lugar nenhum.

Na semana seguinte ao desaparecimento de Owen, sonhei com ele parado naquele estacionamento. Usava o mesmo terno — e tinha o mesmo sorriso fascinado no rosto. No sonho, ele tirava a aliança de casamento.

*Olha, Hannah, disse. Agora você me perdeu também.*

## — Parte 1 —

“Não tenho muita paciência para cientistas que pegam uma tábua de madeira, procuram sua parte mais fina e fazem um grande número de buracos onde é fácil perfurar.”

— Albert Einstein

## *Se você abre a porta para um estranho...*

A gente vê isso o tempo todo na televisão. Escutamos uma batida na porta da frente. E, do outro lado, alguém está esperando para nos dar uma notícia que vai mudar tudo. Na televisão, geralmente é um policial ou um bombeiro, às vezes um oficial uniformizado das forças armadas. Mas quando abro a porta — quando descubro que tudo está prestes a mudar para mim —, o mensageiro não é um policial ou um inspetor federal usando calças engomadas. É uma menina de doze anos usando um uniforme de futebol. Com caneleiras e tudo.

— Sra. Michaels? — diz ela.

Hesito antes de responder, como costumo fazer quando alguém me pergunta se essa sou eu.

Sou e não sou. Eu não mudei meu sobrenome. Fui Hannah Hall por trinta e oito anos antes de conhecer Owen, e não vi qualquer razão para me tornar outra pessoa depois. Mas Owen e eu estamos casados há pouco mais de um ano. E, nesse tempo, aprendi a não corrigir as pessoas em relação a meu sobrenome. Porque o que



realmente querem saber quando fazem essa pergunta é se sou a esposa de Owen.

E com certeza é o que a menina de doze anos quer saber, o que me leva a explicar como tenho tanta certeza de que ela tem doze anos, depois de ter passado a maior parte da minha vida separando as pessoas em duas grandes categorias: crianças e adultos. Essa mudança na minha compreensão é resultado do último ano e meio e da convivência com a filha do meu marido, Bailey, que hoje tem a idade pouquíssimo agradável de dezesseis anos. É resultado do erro que cometi quando conheci a retraída Bailey e comentei que ela parecia mais nova do que era. Foi a pior coisa que eu poderia ter feito.

Talvez tenha sido a segunda pior coisa. A pior coisa provavelmente foi minha tentativa de melhorar a situação fazendo uma brincadeira sobre como eu gostaria que alguém me achasse mais nova do que eu era. Bailey mal me suporta desde então, apesar do fato de que agora eu sei que não devo tentar fazer piadas de qualquer tipo com uma garota de dezesseis anos. Nem tentar conversar demais.

Mas voltando à minha amiga de doze anos parada à porta, que muda o peso de um tênis sujo para o outro.

— O Sr. Michaels queria que eu lhe entregasse isso — informa ela.

Então, estende a mão espalmada e mostra um pedaço de papel dobrado, parte de uma folha de um bloco de notas. Na frente está escrito *HANNAH*, na letra de Owen.

Pego o bilhete dobrado e olho nos olhos da menina.

— Desculpa — digo. — Acho que não estou entendendo direito. Você é amiga da Bailey?

— Quem é Bailey?

Eu não esperava que a resposta fosse sim. Existe um oceano entre doze e dezesseis anos. Mas não estou conseguindo juntar as peças. Por que Owen não me ligou? Por que ele mandou essa garota? Meu primeiro palpite seria imaginar que algo aconteceu com Bailey e Owen não pôde sair de perto. Mas Bailey está em casa, me evitando como de costume, a música explosiva que está ouvindo (a escolha de hoje: a trilha sonora de *Beautiful: The Carole King Musical*) vibrando do alto da escada em um lembrete muito explícito de que não sou bem-vinda em seu quarto.

— Desculpa. Estou um pouco confusa... Onde você viu o Owen?

— Ele passou correndo por mim no corredor — responde a menina.

Por um instante, acho que ela está se referindo ao nosso corredor, o espaço bem atrás de nós. Mas isso não faz sentido. Moramos em uma casa flutuante na baía — uma casa-barco, como costumam ser chamadas, a não ser aqui em Sausalito, onde há uma comunidade delas. Quatrocentas. Aqui, elas são casas flutuantes — com muito vidro e belas vistas. Nossa calçada é uma doca, nosso saguão de entrada é uma sala de estar.

— Então você viu o Sr. Michaels na escola?

— Foi o que acabei de dizer. — Ela me olha como se perguntasse *onde mais?* — Eu e minha amiga Claire es-

távamos indo treinar. E ele pediu pra gente entregar isso aqui. Eu disse que não podia vir antes do treino e ele disse que tudo bem. Então, deu o seu endereço pra gente.

Ela mostra um segundo papel agora, como prova.

— Ele também deu vinte dólares pra gente — acrescenta a menina.

Ela não mostra o dinheiro. Talvez ache que vou pegar de volta.

— O celular dele estava quebrado, ou alguma coisa assim, e ele não conseguiu falar com você. Sei lá. Ele mal parou pra falar com a gente.

— Então... ele disse que o celular estava quebrado?

— Como é que eu saberia se ele não tivesse dito? — retruca ela.

Então, o celular da menina toca — ou eu acho que é um celular até ela tirá-lo da cintura e eu ver que parece mais um pager altamente tecnológico. Os pagers voltaram à moda?

Um musical da Carole King. Pagers altamente tecnológicos. Outra razão pela qual Bailey provavelmente não tem paciência comigo. Há um mundo de coisas adolescentes a respeito das quais não sei absolutamente nada.

A garota digita no dispositivo, já deixando Owen e a missão de vinte dólares que lhe foi confiada para trás. Reluto em deixá-la ir embora, já que ainda não entendi direito o que está acontecendo. Talvez seja alguma brincadeira esquisita. Talvez Owen ache isso engraçado. Eu não acho. Ao menos ainda não.

— Tchau — diz ela.

A menina começa a se afastar, descendo as docas. Eu a vejo ficar cada vez menor, enquanto o sol se põe sobre a baía e um punhado de estrelas do início da noite ilumina seu caminho.

Então, eu também saio para a doca. Meio que espero que Owen (meu Owen fofo e bobo) pule da lateral do cais, com o resto do time de futebol rindo atrás dele, todos falando ao mesmo tempo da pegadinha que aparentemente não estou entendendo. Mas Owen não está lá. Não há ninguém na doca.

Fecho a porta e olho para o pedaço de papel ainda dobrado na minha mão. O bilhete que ainda não abri.

No silêncio do cais, percebo o quanto não quero desdobrar aquela folha de papel. Não quero saber o que está escrito ali. Parte de mim ainda quer se agarrar a esse último momento — o momento em que ainda é possível acreditar que tudo não passa de uma piada, um erro, um grande nada; o momento antes de ter certeza de que algo começou e não é mais possível parar.

Desdobro o papel.

O bilhete de Owen é curto. Uma linha, um quebra-cabeça em si.

*Proteja ela.*

## *A Greene Street antes de ser Greene Street*

Conheci Owen há pouco mais de dois anos.

Na época, eu ainda vivia em Nova York. Morava a aproximadamente cinco mil quilômetros de Sausalito, a cidadezinha no norte da Califórnia que agora chamo de lar. Sausalito fica do outro lado da Golden Gate em relação a São Francisco, mas a um mundo de distância da vida da cidade grande. É uma região calma, charmosa. Parada. É o lugar que Owen e Bailey chamam de lar há mais de uma década. É também o oposto da minha vida anterior, em plena Manhattan, morando em um loft com janelas de vidro enormes na Greene Street, no SoHo — um espaço pequeno, com um aluguel astronômico que eu nunca acreditei de verdade que conseguia pagar. Eu usava o lugar tanto como meu ateliê quanto como meu showroom.

Eu sou marceneira. É o que faço para viver. As pessoas geralmente esboçam uma careta quando digo que esse é o meu trabalho (não importa como eu tente descrevê-lo), e imagens das aulas de carpintaria no colégio parecem surgir na mesma hora em suas mentes. A marcenaria é um

pouco daquilo, mas também é outra coisa completamente diferente. Gosto de descrever o que faço como escultura, só que em vez de esculpir argila, esculpo madeira.

Para mim, foi natural acabar trabalhando nesse ramo. Meu avô também era marceneiro — excelente, por sinal — e seu trabalho esteve bem presente na minha vida desde que me entendo por gente. *Meu avô* esteve bem presente na minha vida desde que me entendo por gente, já que me criou basicamente sozinho.

Meu pai, Jack, e minha mãe, Carole (que preferia que eu a chamasse pelo nome, não de mãe), não estavam muito interessados em filhos. Na verdade, eles não estavam muito interessados em nada, à exceção da carreira de fotógrafo do meu pai. Meu avô incentivou minha mãe a se esforçar um pouco mais para me dar atenção quando eu era pequena, mas mal conheci meu pai, que viajava a trabalho duzentos e oitenta dias por ano. Quando ele tinha uma folga, preferia se enfiar no rancho da família dele, em Sewanee, no Tennessee, em vez de dirigir por duas horas até a casa do meu avô, em Franklin, para passar algum tempo comigo. E, pouco depois do meu sexto aniversário, quando meu pai trocou minha mãe pela própria assistente — uma mulher de apenas vinte e um anos chamada Gwendolyn —, ela também parou de voltar para casa. Passou a perseguir meu pai até ele aceitá-la de volta. E então me deixou em tempo integral com meu avô.

Apesar de isso parecer uma história triste, não é. É óbvio que não é ideal que sua mãe tenha praticamente de-

saparecido da sua vida. Com certeza não foi bom ter que lidar com a escolha dela. Mas, quando olho para trás agora, acho que minha mãe me fez um favor ao sair da minha vida do jeito como saiu — sem desculpas, sem hesitação. Pelo menos ela deixou explícito que não havia nada que eu pudesse ter feito para fazê-la querer ficar.

E, depois que ela se foi, eu fui mais feliz. Meu avô era estável, carinhoso, preparava o jantar todas as noites e esperava eu terminar de comer antes de anunciar que estava na hora de nos levantarmos da mesa para que ele lesse histórias para mim antes de irmos dormir. E ele sempre me deixou observá-lo trabalhar.

Eu adorava ver meu avô trabalhar. Ele começava com um pedaço de madeira absurdamente grande, apoiava-o sobre um torno e o transformava em alguma coisa mágica. Ou, se não fosse completamente mágica, ele dava um jeito de começar de novo.

Essa provavelmente era minha parte favorita: os momentos em que ele levantava as mãos e dizia: *Bem, vamos ter que fazer de outro jeito, não é?* E meu avô logo descobria uma nova maneira de criar o que queria. Imagino que qualquer psicóloga que se preze diria que aquilo provavelmente me deu esperança, que devo ter achado que meu avô me ajudaria a fazer a mesma coisa por mim. A começar de novo.

Mas, na verdade, acho que me consolava de um outro jeito. Assistir ao meu avô trabalhar me ensinou que nem tudo é fluido. Às vezes, precisamos abordar as situações por ângulos diferentes, mas nunca devemos desistir. Fa-

zemos o trabalho que precisa ser feito, não importa para onde esse trabalho nos leve.

Nunca esperei ter sucesso como marceneira — ou na minha investida em criar peças de mobília. Eu meio que imaginava que não seria capaz de viver disso. Muitas vezes, meu avô complementava a renda pegando trabalhos na construção civil. Mas, logo no início, quando uma das minhas mesas de jantar mais marcantes apareceu na revista *Architectural Digest*, encontrei um nicho de clientes entre um subgrupo de moradores do centro de Nova York. Como um dos meus designers de interiores favoritos explicou, meus clientes queriam gastar muito dinheiro decorando suas casas de uma forma que parecesse que não haviam gastado dinheiro algum. Minhas peças de madeira rústica os ajudavam nessa missão.

Com o tempo, essa clientela fiel se transformou em uma clientela um pouco maior em outras cidades costeiras e balneários: Los Angeles, Aspen, East Hampton, Park City, São Francisco.

Foi assim que Owen e eu nos conhecemos. Avett Thompson — o CEO da empresa de tecnologia em que Owen trabalhava — era meu cliente. Avett e a esposa dele, a lindíssima Belle, estavam entre meus melhores clientes, inclusive.

Belle gostava de brincar que era a esposa troféu de Avett, o que poderia ter sido mais engraçado se não fosse tão preciso. Ela era uma ex-modelo, dez anos mais jovem do que os filhos adultos do marido, nascida e criada na



Austrália. Minhas peças estavam em todos os cômodos da casa deles em São Francisco (onde ela e Avett moravam) e na casa de campo recém-construída em St. Helena, uma pequena cidade no extremo norte de Napa Valley, onde Belle costumava se refugiar sozinha.

Eu tinha me encontrado poucas vezes com Avett antes que ele e Owen aparecessem no meu ateliê. Os dois estavam em Nova York para uma reunião de investidores e Belle queria que passassem para dar uma olhada em uma mesinha de cabeceira com a borda arredondada que ela havia encomendado para o quarto do casal. Avett não sabia muito bem o que deveria conferir, mas era algo sobre como a mesa combinaria com o estrado da cama — o mesmo estrado que sustentaria o colchão orgânico de dez mil dólares deles.

Para ser sincera, Avett não dava a menor importância para aquilo. Quando ele e Owen entraram, Avett estava no meio de uma ligação e usava um terno azul elegante, o cabelo grisalho duro de tanto gel, o celular colado à orelha. Ele deu uma olhada na mesinha de cabeceira e cobriu por um instante o microfone do celular.

— Pra mim, parece bom — comentou. — É só isso?

Então, antes que eu tivesse tempo de responder, ele saiu. Owen, por outro lado, estava hipnotizado. Ele passou os olhos lentamente por todo o ateliê, parando para examinar cada peça.

Eu o observei enquanto ele caminhava. Era uma imagem tão confusa... aquele cara de pernas compridas, ca-

belo loiro desgrenhado e pele bronzeada, usando tênis Converse surrados. Nada daquilo parecia combinar com o paletó esportivo chique. Era quase como se ele tivesse caído de uma prancha de surfe para dentro do paletó, com a camisa engomada por baixo.

Percebi que estava encarando fixamente, e já começava a me virar quando Owen parou na frente da minha peça favorita — uma mesa rústica que eu usava como escrivaninha.

A maior parte do tampo estava tomada pelo meu computador, jornais e pequenas ferramentas. Só dava para ver a mesa se a pessoa realmente estivesse olhando com atenção. Owen estava. Ele reparou na sequoia dura com que eu havia trabalhado, amarelando suavemente os cantos, soldando uma peça de metal áspero em cada borda.

Owen foi o primeiro cliente a reparar na mesa? Não, é lógico que não. Mas foi o primeiro a se agachar, como eu costumava fazer, deixar os dedos correrem ao longo do metal afiado e segurar a mesa por ali.

Ele virou a cabeça e olhou para mim.

— Ai — disse.

— Tenta esbarrar contra ela no meio da noite — brinquei.

Owen se levantou e se despediu da mesa com uma palmadinha carinhosa. Então, andou até mim. Até estarmos bem perto um do outro — tão perto que foi impossível eu não me perguntar como havíamos chegado àquele ponto. Eu provavelmente deveria ter me sentido constrangida

pelo meu look de camiseta, jeans respingado de tinta e coque bagunçado no alto da cabeça, com cachos sujos se soltando. Mas senti outra coisa ao vê-lo olhando para mim.

— Então — perguntou Owen —, qual é o preço dela?

— Na verdade, essa mesa é a única peça no showroom que não está à venda — respondi.

— Porque pode causar ferimentos? — disse ele.

— Exatamente.

Foi então que ele sorriu. Foi quando Owen sorriu. Parece o título de uma música pop brega. Para ser objetiva, não é que o sorriso tenha iluminado o rosto dele. Não foi nada tão sentimental ou explosivo assim. A questão foi que o sorriso de Owen — aquele sorriso generoso e infantil — fez com que ele parecesse uma boa pessoa. Boa de um jeito que eu não estava acostumada a encontrar na Greene Street, no centro de Manhattan. Era expansivo de um jeito que eu havia começado a duvidar de que encontraria na Greene Street, no centro de Manhattan.

— Então, não podemos negociar em relação à mesa? — voltou a falar.

— Infelizmente, não, mas que tal eu te mostrar algumas peças diferentes?

— Que tal uma aula, em vez disso? Você poderia me mostrar como fazer uma mesa parecida pra mim, mas talvez com as bordas um pouco mais suaves... — sugeriu ele. — Estou disposto a assinar um termo de responsabilidade. Qualquer eventual ferimento que possa resultar dessa aula será por minha conta e risco.

Eu ainda estava sorrindo, mas me sentia confusa. Porque, de repente, achei que não estávamos mais falando sobre a mesa. Na verdade, tinha certeza de que não estávamos. Eu tinha a autoconfiança de uma mulher que havia passado os dois anos anteriores noiva de um homem com quem percebeu que não conseguiria se casar. Duas semanas antes do casamento.

— Escuta, Ethan... — falei.

— Owen — corrigiu ele.

— Owen. É legal da sua parte propor isso, mas eu meio que tenho uma política de não sair com clientes.

— Ora, então é bom eu não ter condições de comprar nada do que você está vendendo — retrucou ele.

Mas aquilo o conteve. Owen deu de ombros, como se dissesse *quem sabe outra hora*, e foi em direção à porta e a Avett, que andava de um lado para o outro na calçada, ainda falando ao celular, gritando com a pessoa do outro lado da linha.

Owen já estava quase do lado de fora. Já tinha quase ido embora. Mas naquele instante eu senti — e de um jeito muito intenso — a necessidade de impedi-lo de sair, de dizer que não tinha sido minha intenção falar aquilo. Que eu quis dizer outra coisa. Que queria que ele ficasse.

Não estou falando que foi amor à primeira vista, mas que uma parte de mim queria fazer alguma coisa para impedi-lo de ir embora. Eu queria ficar um pouco mais de tempo perto daquele sorriso largo.

— Espera — falei.

Olhei em volta, procurando alguma coisa que pudesse segurá-lo ali. Meu olho bateu em um tecido de outro cliente. Peguei e estendi para ele.

— Isso é para a Belle.

Não foi meu melhor momento. E, como diria meu ex-noivo, não era nem um pouco a minha cara abordar alguém se eu tivesse a opção de recuar.

— Vou garantir que ela receba — disse Owen.

Ele pegou o tecido da minha mão, evitando meus olhos.

— Só para constar, eu também tenho uma política bem restritiva em relação a sair com alguém. Sou pai solteiro e faz parte... — Ele fez uma pausa. — Mas minha filha é viciada em teatro. E vou perder muitos pontos com ela se não assistir a uma peça enquanto estiver em Nova York.

Ele fez um gesto indicando um Avett furioso gritando na calçada.

— Uma peça de teatro não é exatamente o programa preferido do Avett, por mais surpreendente que isso possa parecer...

— De fato, surpreendente — respondi.

— Então... O que você acha? Quer ir ao teatro comigo?

Ele não se aproximou, mas levantou os olhos. E encontrou os meus.

— Não vamos considerar isso um encontro — sugeriu Owen. — Vai ser só uma vez. Vamos combinar assim. Só um jantar e uma peça de teatro. E acaba aí.

— Por causa das nossas políticas em relação a encontros?

O sorriso dele voltou, amplo e generoso.

— Sim — confirmou. — Por causa delas.



— Que cheiro é esse? — pergunta Bailey.

Sou arrancada da minha lembrança e vejo Bailey de pé à porta da cozinha. Ela está usando um suéter grosso e parece irritada — também está com uma bolsa grande pendurada no ombro, o cabelo com mechas roxas preso embaixo da alça.

Sorrio para ela, com o celular na orelha. Estava tentando falar com Owen, sem sucesso — a ligação tinha caído na caixa postal. De novo. E de novo.

— Desculpa, não vi você aí — digo.

Ela não responde, os lábios cerrados. Deixo o celular de lado e ignoro sua carranca permanente. Apesar disso, Bailey é linda. É bonita de um jeito que já reparei que mexe com as pessoas quando ela entra em algum lugar. Ela não se parece muito com Owen — o cabelo que agora está roxo é naturalmente castanho, os olhos escuros. São olhos intensos. Parecem atrair as pessoas para suas profundezas. Owen diz que são idênticos aos do avô dela (o pai da mãe), e por isso a batizaram em homenagem a ele. Uma menina chamada Bailey. Só Bailey.

— Cadê o meu pai? Era para ele me levar ao ensaio.

Meu corpo fica tenso quando sinto o bilhete de Owen no meu bolso, como um peso.

*Proteja ela.*

— Tenho certeza de que ele está vindo — respondo. —  
Vamos jantar.

— É a comida que está com esse cheiro? — pergunta  
Bailey.

Ela franze o nariz, só para o caso de ainda não ter deixado  
evidente que o cheiro a que está se referindo não a agrada.

— É o linguine que você comeu no Poggio — afirmo.

Ela me lança um olhar vazio, como se o Poggio não fosse  
seu restaurante favorito na cidade, como se não tivéssemos  
ido jantar lá há poucas semanas, para comemorar seu  
décimo sexto aniversário. Bailey pediu o especial daquela  
noite — um linguine caseiro de vários grãos com molho  
de manteiga noisette. E Owen deixou que ela provasse um  
golinho do Malbec da taça dele para acompanhar. Achei  
que ela tinha adorado a massa. Mas talvez Bailey tenha  
gostado mesmo é de beber vinho com o pai.

Sirvo uma porção em um prato e coloco em cima da  
bancada da cozinha.

— Experimenta — sugiro. — Você vai gostar.

Bailey me encara, tentando decidir se está com dispo-  
sição para um confronto — se está com disposição para  
lidar com o aborrecimento do pai se eu a denunciar por  
ter saído correndo e sem jantar. Ela acaba decidindo que  
é melhor não arriscar, contém a irritação e se acomoda na  
banqueta diante do prato.

— Tudo bem — cede. — Vou comer um pouco.

Bailey quase tenta se dar bem comigo. Essa é a pior  
parte. Ela não é uma menina má ou uma ameaça. É uma

boa menina em uma situação que odeia. E, por acaso, eu sou essa situação.

Há razões óbvias pelas quais uma adolescente se ressentiria da nova esposa do pai, ainda mais Bailey, que tinha uma vida boa quando eram só os dois, pai e filha, melhores amigos, Owen o maior fã dela. Mas essas razões não cobrem todos os motivos pelos quais Bailey tem tamanha antipatia por mim. Não é só porque eu deduzi errado a idade dela quando nos conhecemos. É por causa de uma tarde, logo depois que me mudei para Sausalito. Eu deveria buscá-la na escola, mas fiquei presa em uma ligação com um cliente e cheguei cinco minutos atrasada. Não foram dez minutos. Foram cinco. 17h05. Essa era a hora que o relógio mostrava quando parei o carro na frente da casa da amiga dela. Mas era como se eu tivesse me atrasado uma hora. Bailey é uma garota exigente. Owen diria que essa é uma característica que temos em comum. Tanto a esposa quanto a filha dele são capazes de decifrar tudo a respeito de outra pessoa em cinco minutos. É só do que precisamos. E nos cinco minutos em que Bailey estava tomando a decisão sobre o que achava de mim, eu estava em uma ligação que não deveria ter atendido.

Bailey enrola um pouco de macarrão no garfo, examinando-o.

— Parece diferente do que eu comi no Poggio.

— Mas não é. Eu convenci o *sous chef* a me dar a receita. Ele até falou para eu ir ao mercado do Ferry Building para comprar o pão de alho que eles servem junto.



— Você foi até São Francisco só para comprar um pão?  
— pergunta ela.

É possível que eu me esforce em excesso para agradá-la. Também tem isso.

Bailey inclina o corpo e coloca a garfada toda na boca. Mordo o lábio, na expectativa da sua aprovação — esperando um gemidinho de prazer escapar dos seus lábios, mesmo contra sua vontade.

Mas ela engasga com a comida. Realmente engasga, e agarra o copo d'água sobre a bancada.

— O que você colocou nisso? — pergunta. — Tá com gosto de... carvão.

— Mas eu provei — argumento. — Está perfeito.

Provo o macarrão de novo. Ela não está errada. Na minha confusão por causa da visita da menina de doze anos e do bilhete de Owen, o molho de manteiga escura — antes levemente maltado e espumoso — virou um negócio com gosto de queimado. E amargo. Não muito diferente de comer um pedaço de carvão carbonizado.

— Eu tenho mesmo que ir — diz ela. — Ainda mais se quiser pegar uma carona com a Suz.

Bailey se levanta. E imagino Owen parado atrás de mim, se inclinando para sussurrar em meu ouvido: *Dê tempo ao tempo*. É isso que ele fala quando Bailey me trata com indiferença. Para dar tempo ao tempo. Com isso quer dizer que algum dia ela vai deixar eu me aproximar. Também quer dizer que ela vai para a faculdade em dois anos e meio. Mas Owen não entende que isso não me con-

forta. Para mim, significa só que estou ficando sem tempo para fazer com que Bailey goste de mim.

E quero que ela goste. Quero que tenhamos um bom relacionamento, e não só por causa de Owen. O que me faz querer ter essa relação com Bailey é maior do que isso — mesmo quando ela me despreza. Parte da minha vontade de me aproximar é porque reconheço nela aquilo que acontece quando a gente perde a mãe. Minha mãe saiu da minha vida por escolha, a de Bailey por uma tragédia, mas isso deixa uma marca semelhante na gente da mesma forma. Deixa a gente no mesmo espaço estranho, tentando descobrir como navegar pelo mundo sem a pessoa mais importante ao nosso lado.

— Vou andando até a casa da Suz — avisa Bailey. — Ela pode me dar carona até o ensaio.

Suz é a amiga dela que também está na peça. E que também mora nas docas. Bailey está em segurança com a amiga, certo?

*Proteja ela.*

— Deixa que eu levo você — digo.

— *Não.* — Ela coloca o cabelo roxo atrás das orelhas e modera o tom. — Tá tudo bem. Suz vai ao ensaio de qualquer maneira...

— Se seu pai ainda não tiver voltado — declaro —, eu vou buscar você. Um de nós vai estar esperando na frente do prédio.

Ela me perfura com o olhar.

— Por que ele não teria voltado? — pergunta.

— Ele já vai ter voltado. Tenho certeza. Eu só quis dizer... Se eu te buscar, você pode dirigir de volta para casa.

Bailey acabou de tirar a licença provisória para dirigir. Ela vai ter que dirigir por um ano com um adulto do lado até poder pegar no volante sozinha. E Owen não gosta que ela dirija à noite, mesmo quando está com ele, por isso tento aproveitar a oportunidade.

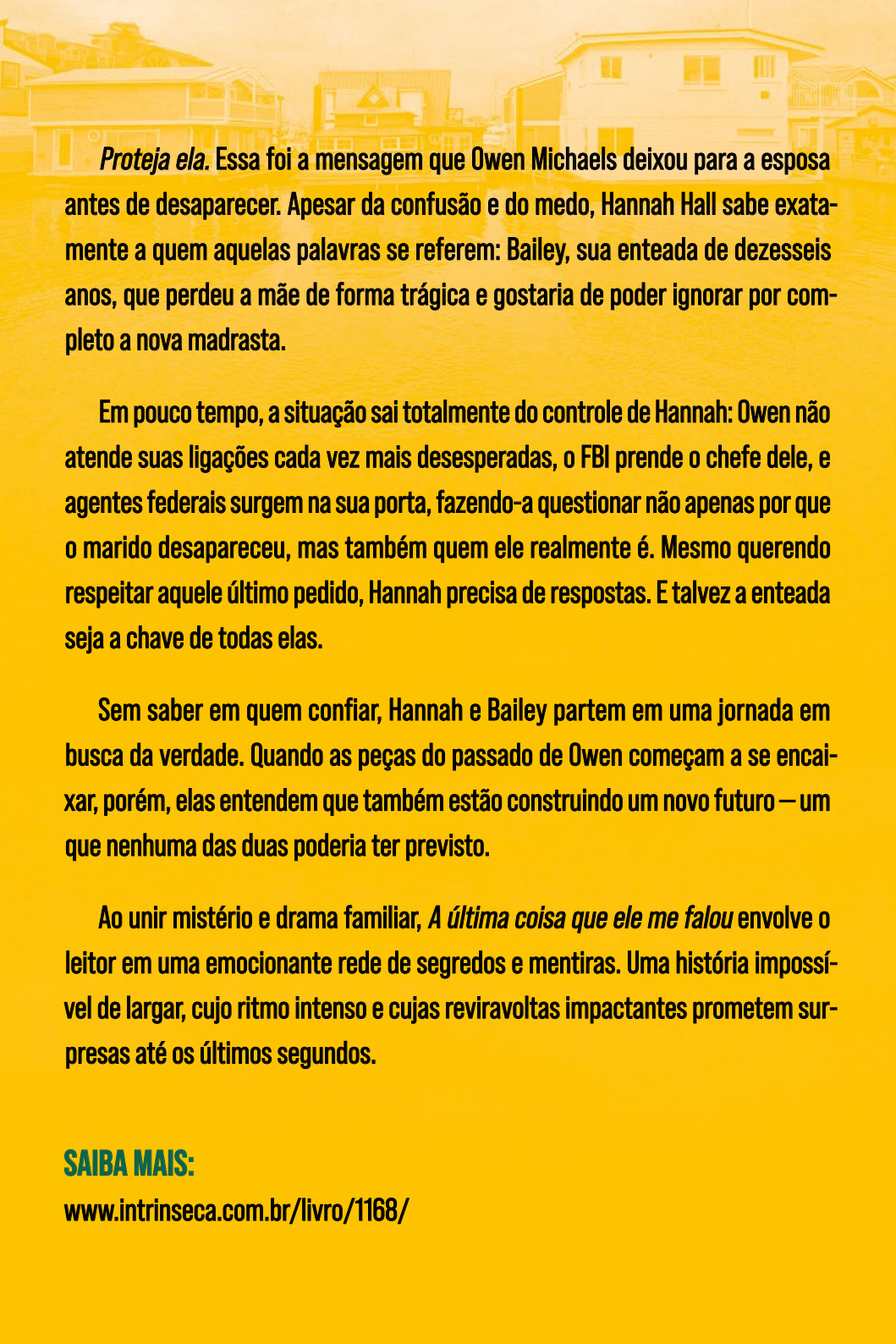
— Tá certo — cede Bailey. — Obrigada.

Ela vai em direção à porta. Quer terminar logo a conversa e sentir o ar de Sausalito do lado de fora. A garota diria qualquer coisa para ir embora, mas considero o gesto como um encontro marcado.

— Então, até daqui a algumas horas?

— Até — confirma ela.

E me sinto feliz, mesmo que por apenas um segundo. Então, Bailey bate a porta da frente e fico sozinha de novo com o bilhete de Owen, no silêncio singular da cozinha, com uma quantidade de macarrão com gosto de queimado na minha frente que daria para alimentar uma família de dez pessoas.



***Proteja ela.*** Essa foi a mensagem que Owen Michaels deixou para a esposa antes de desaparecer. Apesar da confusão e do medo, Hannah Hall sabe exatamente a quem aquelas palavras se referem: Bailey, sua enteada de dezesseis anos, que perdeu a mãe de forma trágica e gostaria de poder ignorar por completo a nova madrasta.

Em pouco tempo, a situação sai totalmente do controle de Hannah: Owen não atende suas ligações cada vez mais desesperadas, o FBI prende o chefe dele, e agentes federais surgem na sua porta, fazendo-a questionar não apenas por que o marido desapareceu, mas também quem ele realmente é. Mesmo querendo respeitar aquele último pedido, Hannah precisa de respostas. E talvez a enteada seja a chave de todas elas.

Sem saber em quem confiar, Hannah e Bailey partem em uma jornada em busca da verdade. Quando as peças do passado de Owen começam a se encaixar, porém, elas entendem que também estão construindo um novo futuro — um que nenhuma das duas poderia ter previsto.

Ao unir mistério e drama familiar, *A última coisa que ele me falou* envolve o leitor em uma emocionante rede de segredos e mentiras. Uma história impossível de largar, cujo ritmo intenso e cujas reviravoltas impactantes prometem surpresas até os últimos segundos.

**SAIBA MAIS:**

[www.intrinseca.com.br/livro/1168/](http://www.intrinseca.com.br/livro/1168/)